

## VESTIR OS NUS

### **Nus e Vestidos ao nascer e ao morrer**

«Saí nu do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá» (Jb 1,21). A vida humana desenrola-se entre duas nudezas: a do início da vida, e a do fim da vida. Duas nudezas diferentes porque, no meio ocorre o processo de subjetivação: se nascemos nus, no fim da vida despojamo-nos [das vestes].

Como é óbvio, trata-se de um processo físico que tem a ver com a nudez do recém-nascido e com a nudez do morto, mas também tem um valor psicológico e simbólico: no fim da vida abandonamos aquilo a que nos tínhamos ligado, deixamos aquilo a que nos tínhamos habituado, vivemos um luto.

Neste processo, a carne que o recém-nascido é torna-se corpo, e o corpo, com a morte, torna-se cadáver. Além disso, a nudez do recém-nascido e do cadáver é sempre revestida por outros, enquanto, na fase da subjetividade, o homem se veste a si próprio, exceto nos casos de impossibilidade por doença ou deficiência. O ato de vestir a nudez do início e do fim da vida coloca toda a existência humana sob o signo dos cuidados necessários ao nosso ser-corpo.

### **Aprender a vestir-se**

O vestir-se é uma arte que a criança aprende, graças à mãe que o veste; mais tarde, o ancião tem muitas vezes de pedir ajuda para se vestir e para se despir.

Além disso, ao longo da sua vida, há situações de pobreza e de miséria que podem despojar dos bens e reduzir à nudez, uma nudez que significa não só exposição às inclemências do tempo, mas também humilhação, indignidade, inermidade, ausência de defesas, perigo.

A nudez é abandono ao estado natural, ao passo que o vestir é obra de cultura e distingue o homem dos animais. Esta passagem da natureza à cultura está bem manifesta no romance de Daniel Defoe, quando o protagonista, depois de ter salvado dos canibais aquele que passará a ser o seu criado Friday (Sexta-Feira), lhe fornece roupa:

*“Dei-lhe a entender que lhe ia dar com que se vestir... porque estava completamente nu... Em primeiro lugar, dei-lhe uns calções de serapilheira... Depois, fiz-lhe uma jaleca de pele de cabra; em seguida ofereci-lhe um chapéu. É verdade que, ao princípio, ele se sentia muito pouco à-vontade com aquela indumentária; envergar os calções era muito incómodo para ele, e as mangas da jaleca irritavam-lhe a pele do lado interior dos braços; contudo, depois de as ter alargado um pouco no ponto em que ele me dizia que o magoavam, e depois de ele se ter habituado um pouco, acabou por se sentir lindamente” (D. DEFOE, La vita e le aventure di Robinson Crusoe, Milão, Adelphi, 1963, 245, 247).*

### **Vestir, cuidar do corpo e da alma**

O ato de vestir os nus implica **o cuidado do seu corpo**, uma intimidade, portanto, um tocar e medir o corpo para poder vesti-lo de modo adequado. Mas também implica **o cuidado da sua alma**, porquanto a roupa protege a interioridade e

sublinha que o homem é uma interioridade que precisa de ser guardada e protegida.

## **O pudor**

A roupa traduz aquele sentido de pudor que talvez seja o mais antigo gesto que distingue o homem dos animais e que não se limita ao âmbito sexual, mas que abarca a totalidade do ser humano e, sobretudo, o seu sentido de identidade e de subjectividade (cf. A. TAGLIAPIETRA, *La forza del pudore. per una filosofia dell'inconfessabile*, Milão, Rizzoli, 2006). O pudor regula, de modo particular, a relação com a alteridade, mantendo-o na liberdade: «O pudor constitui um limite entre os indivíduos e serve para demonstrar a existência de um lugar interior do sujeito, requisito da sua liberdade, ou seja, do seu pleno desenvolvimento individual no interior da coletividade»

(cf. M. SELZ, *Il pudore. Um luogo di libertà*, Turim, Einaudi, 2005, p. 10: "Comportamento humano fundamental, o pudor designa uma atitude positiva no sentido de que permite, na relação com o outro, quer preservar o ser de um olhar devorador que o torna frágil, quer respeitar o outro, evitando identificá-lo com aquilo que aparece, com a imagem que ele dá de si ou que se tem dele. O pudor convida assim o indivíduo a tomar consciência de que ele próprio não é pura exterioridade, mas que também se define (e, talvez, sobretudo) graças a um espaço íntimo, a uma zona privada que escapa ao olhar e ao domínio do outro» (A. KOCHER, «La pudeur: une attitude spirituelle?», in *La Chair et le Souffle*. 2 [2009], p. 88).

Além disso, o pudor não é apenas um não mostrar, mas também um não querer ver aquilo que poderia ser visto (como Sem e Jafet, que, ao contrário do seu irmão Cam, não querem ver a nudez do seu pai Noé; cf. Gn 9,20-23): «Para salvar a nossa

humanidade, algumas coisas que poderíamos querer ver (que poderíamos querer ver porque somos humanos), devem manter-se fora de cena» (J. M. COETZE, Elizabeth Costello, Turim, Einaudi, 2004, p. 122).

### **O valor negativo da nudez**

Não ter roupa ou estar quase nus ou cobertos de farrapos é uma condição que tem importantes conotações psicológicas e espirituais. Na Bíblia, uma boa parte do valor simbólico da nudez é negativa: trata-se da nudez que retira identidade, da nudez do anónimo, do sem dignidade: o escravo que é vendido (cf. Gn 37,23), o preso privado da liberdade (cf. Is 20,4; Act 12,8), a prostituta exposta aos olhares de todos (cf. Jr 13,26-27; Os 2,4-6), o doente mental que vive numa condição de alienação (cf. Mc 5,1-20).

A Bíblia mostra particular interesse pela nudez inocente e humilhada do pobre, da vítima, do marginal. A simples referência à mesma significa já dar voz a quem não tem voz e pretende suscitar a compaixão ativa de quem depara com tais situações. Diz-se, no livro de Job, a propósito dos pobres: «Passam a noite nus, sem roupa nenhuma e sem agasalho contra o frio. Ficam todos molhados com as chuvas da montanha, sem outro refúgio além dos rochedos. Andam nus, sem nenhuma roupa, e passam fome a carregar os feixes» (Jb 24,7-8.10).

### **Vestir os nus como Deus nos veste e reveste**

A Escritura elabora assim uma compaixão pelo corpo que se exprime em ordens («Reparte as tuas vestes com os nus»: Tb 4,16), que se conta entre os atributos da justiça («O justo ... cobre [de roupa] o nu»: Ez 18,5.7.16), que toma a peito uma prática de jejum autêntica («O jejum que me agrada é este ... vestir os nus»: Is

58,6-7). O ato humano de vestir os nus funda-se, segundo a Bíblia, no gesto original do próprio Deus, que cobriu a nudez humana, preparando as roupas e depois vestindo Adão e Eva, após a sua transgressão: «O Senhor Deus fez a Adão e à sua mulher túnicas de peles e vestiu-os» (Gn 3,21).

A transgressão do homem no jardim do «princípio» fez com que os seres humanos saíssem do espaço da comunhão e se tenham dado conta da sua «nudez», ou seja, da sua condição de criaturas limitadas e frágeis, que tenham começado a sentir desconfiança e temor uns dos outros, que a alteridade tenha começado a ser vivida como ameaça. Eis que nasce, portanto, o medo do outro e a vergonha frente ao outro; vergonha que, no texto do Génesis, não se refere diretamente à esfera sexual. Foi assim que Adão e Eva «*coseram folhas de figueira umas às outras e colocaram-nas, como se fossem cinturas*» (Gn 3,7). Mas só no momento em que o próprio Deus fará túnicas de peles e as vestirá é que eles serão reintegrados na sua dignidade, verão a sua fragilidade envolvida pela misericórdia divina, os seus limites protegidos e cobertos. Ao contrário de uma pequena faixa em redor da cintura, a túnica é uma verdadeira veste que cobre a pessoa inteira; as cinturas foram cosidas pelos homens, mas as túnicas são feitas por outro, por Deus; as cinturas tinham sido colocadas pelos homens, mas é o próprio Deus que reveste ambos com túnicas. Deus veste os nus: ou seja, Ele ama e protege a criatura humana, acolhendo-a com todas as suas limitações e fragilidades.

### **Partilhar a roupa com o pobre**

Partilhar a roupa com o pobre é um gesto de intimidade que implica delicadeza, discrição e ternura, pois tem diretamente a ver com o corpo do outro, com a sua unicidade, que se cristaliza em grau máximo no rosto descoberto, que permanece nu e que, com a sua vulnerabilidade, recorda a fragilidade de todo o corpo, de

toda a pessoa humana e nos remete para ela. Partilhar a roupa com o pobre - não do modo impessoal e eficiente da recolha de ajudas a enviar aos pobres do Terceiro Mundo, mas no encontro frente a frente com o pobre - torna-se, então, revelação concreta de caridade, celebração de gratuidade, intercâmbio em que quem se priva de alguma coisa não se empobrece, mas se enriquece com a alegria do encontro, e quem usufrui do dom não é humilhado, porque o ato de ser revestido introduz numa relação e ele se sente acolhido na sua necessidade como pessoa, ou seja, na sua unicidade, não como anónimo destinatário de um envio de roupas postas de parte pelos ricos. Só na medida em que o «*vestir os nus*» é encontro de nudez, a nudez do rosto de quem dá e do rosto de quem recebe, e sobretudo a nudez dos olhos, que são a parte mais exposta do rosto, esse gesto deixa de correr o risco de ser humilhante, e dá-se no único espaço que confere verdade a cada gesto de caridade: o encontro com o outro.

### **A capa de São Martinho**

Na tradição cristã ocidental, o gesto de vestir os nus é expresso, de um modo conhecido de todos, pelo episódio em que Martinho de Tours corta o próprio manto para reparti-lo com um pobre indefeso dos rigores de um Inverno gélido. Escreve Venâncio Fortunato na sua Vida de São Martinho de Tours:

“A um pobre encontrado junto à porta de Amiens, que se lhe dirigira, [Martinho] divide em partes iguais a clâmide com que se abriga e, com fé ardente, coloca-a sobre os membros enregelados. Um toma parte do frio, o outro toma parte do calor, entre os dois pobres é partilhado o calor e o frio, o frio e o calor tornam-se um novo objeto de troca e uma única pobreza é suficiente, partilhada por duas pessoas” (Venanzio Fortunato,

Vita di san Martino di Tours, 1, 56-63, ed. De G. Palermo, Roma, Città Nuova, 1985, p.53).

## **A veste batismal**

O revestimento da nudez não se encontra apenas no início da vida humana e da passagem da natureza à cultura, mas também tem uma importância significativa na iniciação cristã, como o denota a antiga práxis batismal (do século III ao século VI). No fim do século IV, na região siríaca, o desenrolar do rito batismal compreendia o ato com o qual o neófito/a neófita se despojava das próprias vestes e as espezinhava; a unção do seu corpo nu; a imersão (ainda completamente nu) nas águas batismais; e, por fim, o ato pelo qual, tendo saído da piscina, o neo-batizado era revestido com uma túnica branca. A nudez gloriosa de Cristo morto (na cruz, o condenado estava completamente nu, para significar a sua indignidade) e ressuscitado reveste e protege o recém-batizado, que agora sabe que já se encontra mergulhado numa vida nova, tendo-se «revestido de Cristo»: «Batizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo» (Gl3,27) (cf. P. DE PUNIET, «Baptême, in Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie, II/1, Paris, Letouzey et Ané, 1910, col.251-356). Ao ver a nudez da própria condição humana, limitada e frágil, revestida de Cristo no Batismo, os cristãos sabem que estão imersos na misericórdia de Deus (cf. Tt 3,4-5), cobertos e envoltos por ela, de tal modo que a sua práxis de caridade para com aqueles que estão na nudez e na vergonha, na impotência e na miséria, na humilhação e na privação da dignidade, será apenas um reflexo e um testemunho da misericórdia divina que receberam.

Texto a partir de LUCIANO MANICARDI, *A Caridade dá que fazer*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2010, 103-110. Títulos e subtítulos da autoria de Pe. Amaro Gonçalves.

## A TROCA DAS VESTES, UM CONTO DE TOLSTOI

“O escritor russo Leon Tolstói descreve numa pequena narração acerca de um soberano que pediu aos seus sacerdotes e sábios que lhe mostrassem Deus para que o pudesse ver. Os sábios não foram capazes de satisfazer este desejo. Então um pastor, que estava precisamente a regressar do campo, ofereceu-se para assumir a tarefa dos sacerdotes e dos sábios. O rei aprendeu dele que os seus olhos não eram suficientes para ver Deus. Mas então ele quis, pelo menos, saber o que fazia Deus. "Para poder responder a esta sua pergunta disse o pastor ao soberano devemos trocar a roupa". Com hesitação, mas estimulado pela curiosidade pela informação esperada, o soberano anuiu; entregou a sua roupa real ao pastor e fez-se vestir com o hábito simples do homem pobre. E eis que chega a resposta: "*É isto que Deus faz*".

De facto, o Filho de Deus Deus verdadeiro de Deus verdadeiro deixou o seu esplendor divino: "*...despojou-se de si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens; aparecendo com a forma humana, humilhou-se a si mesmo... até à morte de cruz*" (cf. Fl 2, 6 ss.). Deus realizou como dizem os Padres o *sacrum commercium*, o intercâmbio sagrado: assumiu o que era nosso, para que pudéssemos receber o que era seu, tornar-nos semelhantes a Deus.

São Paulo, para o que aconteceu no Baptismo, usa explicitamente a imagem da veste: "*todos os que fostes baptizados em Cristo, vos revestistes de Cristo*" (Gl 3, 27). Eis quanto se cumpre no Baptismo: nós revestimo-nos de Cristo, Ele doa-nos as suas vestes e elas não são algo externo.

(Bento XVI, homilia na santa missa crismal 2007)